

ESTADO DO MARANHÃO
PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA LUZIA DO PARUÁ
AVISO DE LICITAÇÃO DO TIPO MENOR PREÇO POR ITEM

PREGÃO ELETRÔNICO Nº 029/2024

A Prefeitura Municipal de Santa Luzia do Paruá – MA, torna público para o conhecimento dos interessados, que fará realizar, sob a égide da Lei nº 14.133/2021 e suas alterações posteriores e de outras normas aplicáveis ao objeto deste certame, licitação na modalidade Pregão Eletrônico, do tipo MENOR PREÇO POR ITEM objetivando o REGISTRO DE PREÇOS PARA FUTURA E EVENTUAL CONTRATAÇÃO DE EMPRESA PARA A PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS DE LOCAÇÃO DE VEÍCULOS LEVES, DESTINADOS A SUPRIR AS NECESSIDADES DAS SECRETARIAS MUNICIPAIS DE SANTA LUZIA DO PARUA - MA. A sessão será realizada através do Portal de Compras do Governo Federal, pelo endereço eletrônico <https://www.gov.br/compras/pt-br>, sendo conduzida pelo Agente de Contratação (Pregoeiro) desta Prefeitura Municipal, com data de abertura agendada para o dia **13 de agosto de 2024 às 09h00**. O edital e seus anexos encontram-se disponíveis no prédio onde funciona a Comissão Permanente de Licitação, das 08:00 às 12:00 e das 14:00 às 17:59 horas, ou através do Portal da Transparência do Município pelo endereço www.santaluziadoparuama.gov.br, ou ainda pelo endereço Portal de Compras do Governo Federal, <https://www.gov.br/compras/pt-br>. Santa Luzia do Paruá - MA, 29 de julho de 2024. Flávio José Padilha de Almeida – Secretário Municipal de Planejamento, Administração, Finanças, Receitas e Patrimônio Público.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAXIAS-MA
AVISO DE ADIAMENTO

A Comissão de Contratação do Município de Caxias-MA, torna público aos interessados que o **PREGÃO ELETRÔNICO Nº 033/2024**, tendo como objeto a Formação de Registro de Preços para futura contratação de empresa especializada para o serviço de pavimentação em blocos intertravados/sextavados, para atender a Secretaria Municipal de Infraestrutura, por um período de 12 (doze) meses, buscando assim dar continuidade às atividades desenvolvidas na Administração Pública Municipal e que demandam da utilização dos serviços, proporcionando ainda maior competitividade e economicidade para a Administração, com data de julgamento prevista para o dia **09/08/2024 às 09h:h00min (nove horas)** fica adiada para a data do dia **16/08/2024 as 09:h00min (nove horas)**. O adiamento se faz necessário para retificação do Termo de Referência. Informações adicionais poderão ser obtidas junto à Comissão de Contratação.

Caxias - MA, 29 de julho de 2024.

Igor Mário Cutrim dos Santos
Presidente da Comissão de Contratação

PREFEITURA MUNICIPAL DE PENALVA/MA
AVISO DE LICITAÇÃO
PREGÃO ELETRÔNICO Nº 26/2024

A Prefeitura Municipal de Penalva/MA torna público que realizará no dia 12/08/2024, às 09:00h (horário de Brasília), o Pregão Eletrônico nº 26/2024, cujo objeto é o registro de preços para aquisição de combustíveis. O edital encontra-se a disposição no endereço eletrônico: <https://portaldecompras.penalva.ma.gov.br> e no Portal Nacional de Contratações Públicas (PNCP). Informações pelo e-mail: licitacao.penalva@gmail.com. Penalva/MA, 26 de julho de 2024. Nilziran Nunes Pinto-Pregoeira.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BARRA DO CORDA-MA
EXTRATO DE CONTRATO nº 262/2024

Processo administrativo 1318/2024 – Barra do Corda/MA. Objeto: **CONTRATAÇÃO DE PESSOA JURÍDICA PARA FORNECIMENTO RELACIONADO À MANUTENÇÃO DOS ÔNIBUS DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO**. Pregão Eletrônico Nº. 47/2024/MA. Contratado: **ADEILTON TEIXEIRA BRITO DA SILVA – ME**, inscrito no **CNPJ nº 21.721.395/0001-91**. Contratante: Secretaria Municipal de Educação CNPJ Nº: 06.769.798/0001-17 e pelo Fundo Municipal de Educação CNPJ Nº: 18.172.388/0001-73. Valor Total: **R\$ 400.000,00 (quatrocentos mil reais)**. Dotação orçamentaria será: 12.361.1012.2030.0000; 12.361.1029.2093.0000 PROJETO ATIVIDADE: 2030; 2093 ELEMENTO DE DESPESA: 3.3.90.39 FONTE DE RECURSO: Recursos ordinários. Vigência: O prazo de vigência da contratação é até 31 de dezembro de 2024, contados da assinatura do contrato, na forma do artigo 105 da Lei nº 14.133/2021. DATA: Barra do Corda (MA), 16 de julho de 2024. ASS: **RAIMUNDO DE ASSIS MENDES**. CARG: Secretária Municipal de Educação/Barra do Corda – MA.

Divertimentos no Rio de Janeiro oitocentista



PEDRO HENRIQUE MIRANDA FONSECA

As festividades religiosas, as cerimônias da Corte e os desfiles militares ocupavam lugar de destaque entre os divertimentos. Acontecimentos relacionados à Casa reinante, como aniversários, casamentos, nascimentos e eventos políticos de relevância, ensinavam a realização de festejos públicos com luminárias, fogos de artifício, cavallhadas, corridas de touros, desfiles, cortejos e apresentação de tropas. Alguns viajantes, testemunhas oculares desses festejos, deixaram minuciosa descrição deles. Do desembarque da Arquiduquesa Leopoldina, em novembro de 1817, por exemplo, Debret, que deixou um quadro retratando o evento, fez também a seguinte descrição: “A carruagem de cerimônia aguardava os quatro personagens mais augustos da festa (os cônjuges, o rei e a rainha) e os dois outros coches que a acompanhava se encheram com príncipes e princesas da família real. Uma longa fila de outras elegantes carruagens formava um brilhante cortejo, fechado por um destacamento de cavalaria ligeira, que se dirigiu para o Palácio, saindo pela porta do Arsenal e percorrendo toda a Rua Direita (atual Primeiro de Março) em todo o seu comprimento, passando por conseguinte sob os Arcos do Triunfo (três no total) junto aos quais se haviam construído Anfiteatros para os músicos. Os balcões e janelas de todas as casas estavam enfeitados com tapeçaria de seda vermelha e as mulheres agitavam seus lenços em sinal de alegria, enquanto outras aguardavam a passagem das carruagens para cobri-las de pétalas de flores a mancheias. Perfumes, orquestras, dísticos, colocados à passagem do cortejo e o ruído contínuo dos vivas repetidos de todos os lados, nada afinal se esqueceu para dar realce à recepção da Arquiduquesa austríaca.” (DEBRET, Jean Baptiste – Viagem pitoresca e histórica ao Brasil, tomo II, tradução de Sergio Milliet, Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da USP, 1978, páginas 67, 68). Houve missa na Capela Real e logo após um suntuoso banquete no Paço. Spix e Martius referem-se a esse mesmo acontecimento como uma triunfal entrada e destacam o júbilo com o qual o povo saudava a Arquiduquesa. (SPIX, Johann Baptist von & MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von – Viagem pelo Brasil 1817 – 1820, volume I, tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer, Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da USP, 1981, página 106). A aclamação de D. João VI, em 6 de fevereiro de 1818, foi também minuciosamente descrita por Debret, que como pintor histórico e membro de uma Missão Artística comissionada pelo Governo não podia se furtar a esses acontecimentos. Deixou-nos igualmente um quadro retratando a cerimônia no interior do Paço. Vamos à sua descrição: “Para celebrar a proclamação de D. João VI, construiu-se uma galeria aberta de madeira, junto ao edifício (antigo Convento do Carmo) que ocupava toda a fachada da praça, desde o Palácio até a Capela Real. Erguia-se esta galeria até a altura do primeiro andar do Palácio, comunicando com ele pelo lado esquerdo, e pelo direito com a Capela Real (...). A entrada pública se fazia por este lado, achando-se o trono colocado na extremidade oposta. Toda a galeria era iluminada por dezoito arcadas. (...). Internamente tudo estava forrado de veludo vermelho com galões e franjas de ouro; o teto dividido em nove painéis decorava-se de quadros alegóricos alusivos às virtudes do Monarca. As tribunas ligavam-se ao edifício; a maior era da família real junto ao trono ... o estrado comportava dois degraus, e o trono ricamente esculpido e dourado, em cima do qual havia uma coroa real sustentada por dois gênios agrupados na parte superior do dossel.” (DEBRET – Op. cit., página 70). Houve missa celebrada com grande pompa, na qual “... toda a família real estava resplandecente de diamantes e todas as vestimentas da Corte eram notáveis pela riqueza e pela elegância.” (Ibidem, página 70). Dom João VI, vestido com soberbo manto Real de veludo carmesim semeado de castelos e quinas, emblemas do

Brasil e de Portugal, sentado no trono, recebeu o cetro de ouro das mãos do camareiro-mor, o Conde Parati. O Largo do Palácio, a ilha das Cobras e todas as embarcações de guerra que se encontravam no porto foram iluminadas por lanternas, cujas combinações formavam desenhos variados. E assim festejava-se com mais ou menos pompa, os acontecimentos ligados à família real, como, além dos já descritos, o nascimento da Princesa D. Maria da Glória, primogênita de D. Pedro I e D. Leopoldina; aclamação de D. Pedro I, Imperador Constitucional do Brasil; sua coroação, etc. Outros festejos importantes eram os religiosos, que segundo Pohl: “Num relato da vida social do Rio ... não devem ser descuidados as festas de igrejas, que constituem sua parte mais importante.” (POHL, Johann Emanuel – Viagem ao interior do Brasil, tradução de Milton Amado e Eugênio Amado, Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da USP, 1976, página 46). Estas eram representadas principalmente pelas procissões que se estendiam ao longo do ano, começando com a de São Sebastião, padroeiro da cidade, em 20 de janeiro e terminando com a de Nossa Senhora da Glória do Outeiro em 15 de agosto. Além desses, havia também os divertimentos de caráter popular. Rugendas os achou muito animados, barulhentos, variados e livres, onde “... a música, a dança, os fogos de artifícios emprestavam a cada noite uma atmosfera de festa ...” (RUGENDAS, Johan Moritz – Viagem pitoresca através do Brasil, tradução de Sergio Milliet, Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da USP, 1989, página 85). Dentre esses divertimentos populares, os viajantes destacaram o entrudo, carnaval sujo e brutal, que frequentemente os assustavam. Debret, além de retratar uma cena de entrudo onde uma negra é vítima de um moleque que com uma seringa de lata joga-lhe um jato de água, deixou-nos a seguinte descrição dele: “Os únicos preparativos do carnaval brasileiro consistem na fabricação dos limões de cheiro, atividade que ocupa a família do pequeno capitalista, da viúva pobre, da negra livre e das negras das casas ricas que, com dois meses de antecedência e à força de muitas economias, procuram constituir sua provisão de cera. O limão de cheiro, único objeto dos divertimentos do carnaval, é um simulacro de laranja, frágil invólucro de cera de um quarto de linha de espessura e cuja transparência permite ver-se o volume de água que contém. A cor varia do branco ao vermelho e do amarelo ao verde... O carnaval se reduz a três dias gordos, que iniciam no domingo às cinco horas da manhã, entre as alegres manifestações dos negros já espalhados nas ruas a fim de providenciarem o abastecimento em água e comestíveis de seus senhores, reunidos nos mercados ou em torno dos chafarizes e das vendas. Vemo-los aí cheios de alegria, mas donos de pouco dinheiro, satisfazerem a sua loucura inocente com a água gratuita e o polvilho barato que lhes custa cinco réis.” (Op. cit. Tomo I, páginas 298, 300). Outra descrição minuciosa do Entrudo nos deixou o viajante inglês Robert Walsh: “... precede a Quaresma, tendo os ovos um papel importante nos divertimentos. A brincadeira começa no domingo da quinquagésima e termina na Quarta-Feira de Cinzas. Quando aparecia uma pessoa, ela era atacada por todos os lados e saía correndo, toda respingada de água, com o chapéu e o paletó cobertos de cascas de ovos verdes e amarelos. Se para um momento, julgando-se a salvo, e tirava o chapéu para sacudir fora a água, logo surgia uma moça numa janela insuspeita e, entre risadas, despejava-lhe sobre a cabeça uma bacia d’água. Embaixo, nas lojas e por trás das portas – continua o viajante – ficavam postados grupos de homens com enormes seringas e gamelas cheias de água, que eles esguichavam, um após outro, no rosto e no peito do transeunte, de tal forma que, ao chegar ao final da rua, o sujeito se achava tão encharcado como se tivesse sido atirado à baía. As moças brasileiras são por natureza melancólicas e retraídas, mas nesse período, porém, elas mudam o seu temperamento, e toda a sua seriedade e timidez é engolfada por uma inextinguível alegria.” (WALSH, Robert – Notícias do Brasil 1828 – 1829, volume II, tradução de Regina Régis Junqueira, Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da USP, 1985, páginas 174, 175). Segundo ainda este viajante, durante o carnaval, além da ida à ópera, o entrudo era o único divertimento. Não observou nem máscaras, nem nenhum

tipo de fantasia. As máscaras só iriam aparecer em 1835, quando se realiza a 7 de fevereiro (Eneida de Moraes e José Ramos Tinhorão falam em 22 de janeiro de 1840), no Hotel Itália na Praça Tiradentes, o primeiro baile de mascarados. Kidder (1837) comparou o Entrudo ao Carnaval italiano: “... prolonga-se por três dias, antes da Quaresma e a ele o povo costuma se entregar com a aparente determinação de desforrar a falta de divertimentos dos quarenta dias que se seguem. Não é, porém, com confeitos que brincam durante esses dias, mas, com quantidades enormes de laranjas e ovos, ou melhor, de bolas de cera trabalhadas no formato de laranjinhas e de ovos, mas cheias de água. Essas laranjinhas são preparadas em quantidades prodigiosas e expostas à venda nas lojas, antes do Entrudo.” (KIDDER, Daniel Parish - Reminiscências de viagem e permanências nas províncias do sul do Brasil, tradução de Moacir N. Vasconcelos, Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da USP, 1980, página 133). Thomas Ewbank, nove anos mais tarde (1846), fez a seguinte descrição do Entrudo: “... pessoas de todas as classes, dentro de casas ou nas ruas, lançam polvilho umas nas outras, e que, à guisa de prefácio, é também costume lançar um pouco de amido e água já na véspera. ... ocorre em fins de fevereiro e dura apenas três dias, começando no domingo anterior à Quarta-Feira de Cinzas.” (EWBANK, Thomas – A vida no Brasil, Volume I, tradução de Homero de Castro Jobim, Rio de Janeiro, Editora Conquista, 1973, páginas 102, 103). Ina von Binzer (1881), ao passar pela Rua dos Ourives (atual Miguel Couto), indo ao dentista, em pleno Carnaval, foi bombardeada com limões de cheiro, fato que deixou a pobre alemãzinha bastante indignada. Fez o seguinte relato sobre o Entrudo: “Alguns, moços e ricos, passeiam nas ruas com o único fito desse “amusement” aquático, fazendo-se acompanhar por negrinhos que trazem um completo sortimento de laranjinhas e bisnagas, dentro de grandes cestas. ... Apesar de haver proibição repete-se a mesma coisa todos os anos e nas esquinas até as pretas oferecem à venda enormes bandejas cheias de laranjinhas. Os brasileiros ficam radiantes e completamente fora de si durante esses dias. É preciso não demonstrar contrariedade, pois, se percebem que estamos zangados, então estamos perdidos porque quanto mais tentarmos proteger nossa roupa, mais molhados ficaremos.” Embora não gostando do Entrudo, a viajante alemã apreciou um desfile camavalesco que assistiu, achando-o brilhante. (BINZER, Ina von – Os meus romanos: Alegrias e tristezas de uma educadora alemão no Brasil, tradução de Alice Rossi e Luisita da Gama Cerqueira, 3ª edição, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1982, páginas 70, 71). Apesar das proibições e dos combates da imprensa, o Entrudo continuou a imperar por todo o século XIX, só desaparecendo em princípios do século XX, com o surgimento do confete, serpentina e lança-perfume, que substituíram definitivamente os limões de cheiro e os ovos. As diversões públicas no Rio de Janeiro eram poucas, havendo, entretanto, bailes em casas particulares, que nem sempre eram acessíveis aos estrangeiros, pois era necessário conhecer o dono da casa. Schlichthorst reclamou da pobreza das diversões públicas que a cidade oferecia “Não se dão bailes públicos no Rio de Janeiro, mas são muito frequentes as partidas de danças em residências particulares, onde se reúnem amigos e vizinhos, e a mocidade alternadamente dança e faz música. Como todas as danças nacionais são executadas por pares isolados, só se vêem em geral bons dançarinos, pois todos sabem monopolizar a atenção dos expectadores.” (SCHLICHTHORST, Carl – O Rio de Janeiro como é 1824 – 1826: Huma vez e nunca mais, tradução de Emmy Dodi e Gustavo Barroso, Rio de Janeiro, Editora Getúlio Costa, 1943, página 125). A dança tomou grande incremento após a instalação dos colégios franceses, que incluíam o seu ensino. Dançava-se valsas, quadrilhas, minueto, cotilhão, gavota, solo inglês, isto nas classes altas, pois as classes inferiores dançavam fado e lundu. Na noite de 3 de julho de 1845, o Rio de Janeiro foi invadido pela Polca, dança saltitante, de compasso binário, quando foi executada pelos pares Filipe / Carolina Catton e De Vecchi/Farina, no palco do Teatro São Pedro (atual João Caetano), que irá fazer furor pelas próximas décadas, até quando dela se derive o maxixe, ao receber a rítmica

do lundu. O Cassino Fluminense, aristocrático e tradicional durante o Segundo Reinado, fundado em 4 de outubro de 1845, no Catete, onde permaneceu até a inauguração da sua nova sede à Rua do Passeio (local onde hoje se encontra o Automóvel Clube) em 18 de outubro de 1860; o Pavilhão Paraíso no Campo de Santana e outros estabelecimentos situados na Rua Fresca (desaparecida com a abertura das Avenidas Presidente Kubitschek e Alfred Agache), nas proximidades da Praça Quinze, eram grandes centros dançantes. Bösch (1825) também reclamou da vida social da cidade, que “... oferece poucos encantos, permitindo somente relações de muitos anos ao estrangeiro no círculo limitado das famílias da sociedade alta e média. Preenchem, pois, um grande vácuo as festas de igreja, que se celebram com magnificência e nas quais se gastam somas, das quais um estrangeiro não pode formar ideia.” (BÖSCHE, Eduardo Theodoro – Quadros alternados, tradução de Vicente de Souza Queiros. Revista do IHGB tomo 83, 1918, página 229). Um quarto de século mais tarde Burnmeister achou que “Não existe propriamente vida de sociedade. Há poucos cafés ou confeitarias, sendo estes unicamente frequentados pela mocidade e pelos estrangeiros.” (BURMEISTER, Hermann - Viagem ao Brasil através das províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais, tradução de Manoel Salvaterra e Hubert Schoenfeldt, Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da USP, 1980, página 63). Biard, oito anos depois, tem opinião parecida “... café-cantante, único lugar de diversão no Rio, a não ser o teatro ...” (BIARD, August François – Dois anos no Brasil, tradução de Mario Sette, Brasília, Editora do Senado, 2018, página 44). Divertimentos de caráter popular eram as festas juninas, com fogos, fogueiras, paus de sebo, danças, cantorias, sortes e histórias. Em relação as festas de caráter privado, que ocorriam nos salões elegantes da cidade, quem nos dá notícia é o alemão Koseritz, que teve oportunidade de frequentar o Palácio da Princesa Isabel (atual Palácio Guanabara) em uma recepção ao Príncipe alemão Henrique, neto do Imperador Guilherme: “ E no Palácio Isabel circula o nosso mundo elegante com muito prazer; primeiro ali se respira um ar muito “tory” e em seguida porque lá se diverte bastante, porque o Príncipe e a Princesa desenvolvem muita amabilidade, quando são anfitriões.” (KOSERITZ, Carl von – Imagens do Brasil, tradução de Afonso Arinos de Melo Franco, Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da USP, 1980, páginas 175, 176). Nas recepções do Paço Isabel a música dominava e dançava-se quadrilha e valsas. O gosto era muito apurado, porém sem opulência e sem formalismos rigorosos de etiqueta. Frequentou também o salão do casal Haritoff, Maurício e Ana, opulentos fazendeiros de café, igualmente situado em Laranjeiras, onde, segundo o viajante alemão “... se respira um ar ainda mais aristocrático do que no da Princesa. “... Seus recursos lhe permitem grandes gastos e sua esposa tão fina e altamente aristocrática, conseguiu criar um verdadeiro salão francês no Rio. Eles recebem todas as terças-feiras e os “mardis da madame Haritoff” conquistaram uma grande fama. O seu salão é o único que alia o chic e a verdadeira elegância com a alegria e a arte.” (Ibidem, página 176). Não poupando elogios ao salão dos Haritoff, destacou ainda Koseritz os objetos de arte que aí se encontravam, como telas de grandes pintores, inclusive um retrato em tamanho natural da Ana Haritoff, pintado em Berlim por Richter; antiguidades; porcelanas de Sévres e móveis de Boule. Outro local que teve oportunidade de conhecer foi o Cassino Fluminense, assistindo nele o Concerto anual do Clube Beethoven, em 6 de outubro de 1883. Deslumbra-se com o local achando-o “... o maior, mais belo e mais luxuoso salão da América do Sul, e (em) toda a nata da sociedade do Rio se disputa um convite.” (Ibidem, página 215). Os poucos divertimentos que a cidade oferecia se resumiam praticamente aos festejos políticos; Entrudo; bailes, onde eram cultivadas principalmente danças europeias, se nas classes altas e danças de origem africana, se nas classes inferiores; Cafés, a partir de meados do século e as festas religiosas.

Rio de Janeiro, domingo, 21 de julho de 2024, às 13:55 horas.

pormetro quadrado
arquitetura

PROJETOS ARQUITETÔNICOS E CONSULTORIAS

PENSAMOS POR METRO QUADRADO!
PEÇA JÁ O SEU ORÇAMENTO!

Comercial • Residencial • Interiores • Urbanismo • Hospitalar • Perspectiva 3D

Contatar:
MARCOS NUNES MORAIS
(98) 9 8701 - 0567
pormetroquadrado.arq@gmail.com
[@pormetroquadrado](https://www.instagram.com/pormetroquadrado)
MARINA LIZ FREIRE BOGÉA
(98) 9 8880-2915
Rua 03, Qd 6, n°19, Conjunto dos Ipês
Recanto dos Vinhais, Sala 02.